

Collor prepara novo partido para ter maioria

FÁTIMA XAVIER

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, já está trabalhando na formação de um novo partido que será lançado no dia seguinte à proclamação dos resultados das urnas e que deverá lhe garantir, se eleito, sustentação política no Congresso Nacional. “Será um outro partido, que vai unir todos os **colloristas**”, disse o deputado Ismael Wanderley (RN), do PTR, que compõe a coligação **Brasil Novo**, de Collor. A informação foi confirmada por assessores do candidato. O PRN servirá, apenas, para levá-lo ao Planalto. Se forem consideradas as intenções de voto para o dia 17 próximo, Collor de Mello já teria, hoje, uma bancada majoritária, ainda que não peça publicamente o apoio dos parlamentares para se eleger. O voto declarado pela maioria dos deputados e senadores para Collor ou Lula não está, contudo, necessariamente condicionado a qualquer apoio posterior.

Essa postura do candidato é tática de campanha”, disse o deputado Alcení Guerra (PFL-PR) referindo-se às insistentes declarações de Collor que, de fato, contrariam as evidências de que não precisa do apoio de “nenhum senador, nenhum deputado, nenhum governador, nenhum empresário, nenhum banqueiro...” Até as maneiras contidas de Collor, durante o primeiro debate com o candidato petista foram recomendadas dentro de uma estratégia cujo princípio é “bater no Lula, mas não o suficiente para ele chorar”. Alcení considera o resultado do programa “um sucesso” e acredita que o crescimento de Lula deve-se à militância do PT, não ao debate que, na sua opinião, atingiu o objetivo pretendido.

Quanto à criação do novo partido que, segundo assessores de Collor, será de orientação social-democrata, a justificativa é simples. O PRN foi “fechado” às pressas, suas lideranças são inexpressivas e há uma grande incompatibilidade interna, em todos os níveis, que tem causado

grandes problemas ao longo da campanha. O fato é que os quadros do PRN não são exatamente o ideal do candidato, recebendo até críticas de assessores seus. Alguns parlamentares, como o deputado Bernardo Cabral (sem partido), do Amazonas, e o próprio Ismael Wanderley, já são contados como certos para compor a bancada e o senador Afonso Camargo (PTB/PR) é um sério candidato a líder, no Senado. Outro que não descarta a possibilidade de filiar-se é o prefeito de Florianópolis (SC), Esperidião Amin, ainda no PDS mas com sérias desavenças com o diretório nacional.

Amin confirma os conflitos internos no PRN e conta que a primeira equipe, no seu Estado, criou tantos problemas que o presidente local foi afastado. Está no PC do B e foi substituído pelo presidente da Assembléia legislativa, que também **colloriu**. O prefeito de Florianópolis acredita realmente numa grande mudança no atual quadro partidário. “A própria aglutinação de forças que o segundo turno enseja terá influências partidárias — nem o PT será o mesmo”, afirmou. Ele também considera que Collor teve muita sorte em disputar com Lula: “Lula representa um temor tão grande para as chamadas elites que, se Collor ganhar, terá muito mais facilidade “para lhes tomar os anéis”. Acredita que “essas elites não estariam tão dispostas a colaborar com o governo se não corressem o risco de ver o candidato do PT eleito. “Não há solução indolor para a crise — a dor tem que ser dividida equitativamente”, concluiu.

Outros nomes expressivos que provavelmente vão fazer parte desse novo partido de Collor seriam os senadores José Inácio (ES), atualmente PSDB, o deputado Alcení Guerra (PFL), a vice-governadora Junia Marise, de Minas Gerais, a deputada Márcia Kubitschek (DF) assim como os demais parlamentares do PRN, além do atual prefeito de Recife, Joaquim Francisco e do ex-governador Roberto Magalhães, de Pernambuco.